

Vol 18, Núm 2, jul-dez, 2025 pág. 149-171

## O Impacto do Capacitismo nas Relações Afetivas e Sexuais de Indivíduos com Autismo: Uma Revisão Crítica de Literatura

### The Impact of Ableism on the Affective and Sexual Relationships of Individuals with Autism: A Critical Literature Review

Dhâmaris Fonseca do Amarante<sup>1</sup>

Raquel Lima Rocha Peixoto<sup>2</sup>

Luciana Maria Maia<sup>3</sup>

#### RESUMO

Este estudo busca compreender os efeitos do capacitismo nas vivências afetivas e sexuais de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), problematizando o impacto de mitos e preconceitos. Trata-se de uma revisão crítica de literatura baseada em estudos empíricos publicados nos últimos cinco anos, com abordagem qualitativa, descritiva e exploratória. Os achados indicam que o capacitismo infantiliza e deslegitima as necessidades afetivo-sexuais de indivíduos autistas, reforçando sua invisibilidade social, dificultando o acesso a uma educação sexual adequada e contribuindo para comportamentos inapropriados decorrentes da falta de informação. Tais fatores afetam diretamente a construção de vínculos afetivos e expõem essas

---

<sup>1</sup> Graduanda e mestranda em Psicologia, vinculada ao Laboratório de Estudos sobre Processos de Exclusão Social (LEPES) - UNIFOR; Especialista em Sexualidade Humana e em Gênero e Sexualidade; Formação em Terapia Cognitiva-comportamental, Terapia Cognitiva Sexual; Relacionamentos amorosos e em Psicologia Feminista. Universidade de Fortaleza (UNIFOR) E-mail: [psicologadhamaris@gmail.com](mailto:psicologadhamaris@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-5724-1773>

<sup>2</sup> Mestranda em Psicologia, vinculada ao Laboratório de Estudos sobre Processos de Exclusão Social (LEPES) - UNIFOR; Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental; Formação em Orientação Profissional e de Carreira; Formação em ABA; Certificação em Educação Parental Positiva; Graduada em Psicologia-UNIFOR. Instituição: Universidade de Fortaleza (UNIFOR) E-mail: [raquel.limarochapsi@gmail.com](mailto:raquel.limarochapsi@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-2974-930X>

<sup>3</sup> Doutora em Psicologia (UFRN); Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (UNIFOR); Coordena o Laboratório de Estudos sobre Processos de Exclusão Social (LEPES). Universidade de Fortaleza (UNIFOR) E-mail: [lumariamaia@hotmail.com](mailto:lumariamaia@hotmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1491-5685>



peçoas a maior vulnerabilidade em situações de risco e violência sexual. A análise evidenciou também a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero no espectro, frequentemente silenciadas pelo discurso normativo e excludente. Observa-se uma predominância de estudos internacionais, revelando a escassez de pesquisas nacionais sobre o tema. Diante disso, destaca-se a importância de investigações no contexto brasileiro que considerem aspectos culturais e sociais, a fim de subsidiar políticas públicas inclusivas e garantir os direitos afetivo-sexuais de pessoas com TEA.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista; Sexualidade; Relações Amorosas; Capacitismo.

## ABSTRACT

This study aims to understand the effects of ableism on the affective and sexual experiences of individuals with Autism Spectrum Disorder (ASD), questioning the impact of myths and prejudices. It is a critical literature review based on empirical studies published in the last five years, with a qualitative, descriptive, and exploratory approach. The findings indicate that ableism infantilizes and delegitimizes the affective and sexual needs of autistic individuals, reinforcing their social invisibility, hindering access to adequate sex education, and contributing to inappropriate behaviors stemming from a lack of information. These factors directly affect the formation of emotional bonds and expose these individuals to increased vulnerability in situations of risk and sexual violence. The analysis also highlighted the diversity of sexual orientations and gender identities within the spectrum, which are often silenced by normative and exclusionary discourses. A predominance of international studies was observed, revealing a lack of national research on the topic. In light of this, the importance of conducting investigations in the Brazilian context is emphasized, considering cultural and social aspects in order to support inclusive public policies and ensure the affective and sexual rights of individuals with ASD.

**Keywords:** Autism Spectrum Disorder; Sexuality; Romantic Relationships; Ableism.

## RÉSUMÉ

Cette étude vise à comprendre les effets du capacitisme sur les expériences affectives et sexuelles des personnes ayant un trouble du spectre de l'autisme (TSA), en questionnant l'impact des mythes et des préjugés. Il s'agit d'une revue critique de la littérature basée sur des études empiriques publiées au cours des cinq dernières années, avec une approche qualitative, descriptive et exploratoire. Les résultats indiquent que le capacitisme infantilise et délégitime les besoins affectifs et sexuels des personnes autistes, renforçant leur invisibilité sociale, compliquant l'accès à une éducation sexuelle adéquate et contribuant à des comportements inappropriés dus au manque d'information. Ces facteurs affectent directement la construction de liens affectifs et exposent ces personnes à une plus grande vulnérabilité face aux risques et à la violence sexuelle. L'analyse a également mis en évidence la diversité des orientations sexuelles et des identités de genre au sein du spectre, souvent réduites au silence par un discours normatif et excluante. Une prédominance d'études internationales a été constatée, révélant une rareté des recherches nationales sur le sujet. Dans ce contexte, l'importance d'investigations menées au Brésil est soulignée, afin de prendre en compte les aspects culturels et sociaux, de soutenir des politiques publiques inclusives et de garantir les droits affectifs et sexuels des personnes autistes.

**Mots-clés:** Trouble du Spectre de l'Autisme; Sexualité; Relations Amoureuses; Capacitisme.

A sexualidade pode ser compreendida como parte integrante e essencial do bem-estar e do desenvolvimento humano ao longo de toda a vida, abrangendo o sexo biológico, os papéis e identidades de gênero, a orientação sexual, o comportamento sexual relacionado ao erotismo e ao prazer, o romantismo, a intimidade e, quando desejada, a reprodução. Esse conceito, profundamente subjetivo e inerente aos indivíduos, pode ser expresso e vivenciado por meio de desejos, fantasias, pensamentos, atitudes, crenças e comportamentos. Assim, a sexualidade abrange dimensões que vão desde aspectos biológicos até psicológicos, culturais, políticos e jurídicos (Camargo & Sampaio Neto, 2017; OMS, 2017).

Além disso, a sexualidade é reconhecida como uma dimensão relacionada ao pertencimento social e ao autocuidado, sendo também adaptativa e fundamental para o desenvolvimento da qualidade de vida e para a sobrevivência dos indivíduos. Ela abrange ainda aspectos como a saúde sexual e reprodutiva, garantidos por direito, assegurando a liberdade de viver, expressar e tomar decisões autônomas e assertivas relacionadas à sexualidade, inclusive no que se refere ao direito à escolha reprodutiva (Jackson et al., 2020; Souza Junior et al., 2023).

Apesar de a sexualidade abranger todos os fatores mencionados, nem todas as formas de vivenciá-la podem ser plenamente expressas ou assumidas socialmente, pois estão sujeitas a preconceitos sustentados por estigmas e estereótipos dirigidos a determinados grupos. Isso inclui recortes de gênero, cor, etnia, orientações e identidades de gênero consideradas não convencionais, além das pessoas com deficiência – entre elas, aquelas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), foco deste estudo.

Para endossar a seguinte discussão, vale o levantamento da devida problemática: De que forma a vivência afetiva e sexual de pessoas com TEA em relacionamentos amorosos é afetada pelo capacitismo? Embora haja avanços na compreensão da neurodiversidade, o preconceito e os estereótipos dirigidos a pessoas com autismo ainda impactam suas experiências afetivas, sexuais e



sociais. Compreender o capacitismo nesse contexto permite perceber como as relações amorosas são atravessadas pela deslegitimação das necessidades afetivas e sexuais dessas pessoas, pela infantilização e pela crença distorcida de que elas não são capazes de estabelecer vínculos seguros e saudáveis (Arend et al., 2021).

Ao explorar esse fenômeno, espera-se auxiliar para o debate social e acadêmico sobre neurodiversidade e direitos afetivo-sexuais de pessoas com TEA, promovendo a desconstrução do capacitismo e incentivando práticas mais inclusivas nas políticas públicas voltadas à acessibilidade e educação sexual. Dessa forma, o estudo pode favorecer a construção de um ambiente mais acolhedor, possibilitando que pessoas com autismo vivenciem sua sexualidade e afetividade de maneira plena e livre de discriminação.

Diante do exposto, a pesquisa sobre essa temática mostra-se crucial, tendo como objetivo explorar, por meio da análise crítica da literatura, de que modo o capacitismo interfere na experiência sexual e afetiva de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A partir da coleta e sistematização dos dados, procura-se compreender como discursos, atitudes e estereótipos capacitistas podem contribuir para a invisibilidade e exclusão das vivências afetivo-sexuais desse grupo. Além disso, pretende-se identificar lacunas nas pesquisas encontradas, especialmente no que se refere ao direito dessas pessoas de vivenciarem, de forma plena e autônoma, suas experiências sexuais e afetivas nas relações interpessoais. Com isso, espera-se contribuir para a construção de subsídios voltados à formulação de ações inclusivas e educativas que promovam relações mais respeitosas e equitativas.

### *Transtorno do Espectro Autista*

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido pela presença de alterações persistentes na comunicação e interação social, bem como por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades. Essas características geralmente se manifestam nos primeiros anos de vida e afetam o funcionamento adaptativo do indivíduo ao longo da vida, sendo uma condição neurodivergente que demanda apoio e adaptação (APA, 2022).

Há ampla variabilidade entre os indivíduos com TEA quanto ao funcionamento intelectual e às habilidades linguísticas, sendo que os sinais podem tornar-se mais perceptíveis conforme aumentam as exigências sociais (OMS, 2019). No Brasil, estima-se que cerca de 2 milhões de pessoas estejam no espectro autista (IBGE, 2023). A legislação nacional reconhece o TEA como uma deficiência, assegurando os mesmos direitos legais por meio da Lei nº 13.146/2015, a qual institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

Esse reconhecimento legal acompanha um movimento social mais amplo de valorização da neurodiversidade e da inclusão de pessoas com deficiência em diferentes âmbitos da sociedade (Silva, 2023). Entretanto, persistem desafios significativos relacionados ao capacitismo, o qual é considerado uma forma de discriminação dirigida a pessoas com deficiência, baseada na ideia de que elas são inferiores ou incapazes por não atenderem a padrões normativos de funcionalidade (Marchesan & Carpenedo, 2021).

O capacitismo se expressa por meio de atitudes e práticas excludentes, que colocam os corpos e mentes divergentes em posição de inferioridade, reforçando a visão de que a deficiência deve ser corrigida ou eliminada (Campbell, 2008; Mello, 2014). Essa perspectiva pode levar à internalização da desvalorização e à negação de direitos fundamentais, como a vivência da sexualidade e da afetividade (Lage, Lunardelli & Kawakami, 2023).

Estudos apontam que pessoas com TEA enfrentam maiores dificuldades no desenvolvimento de habilidades sociais e sexuais, além de receberem menos educação sexual formal e apresentarem menor conhecimento sobre o tema, o que compromete seu bem-estar sociossexual (Hancock, Stokes & Mesibov, 2020). O capacitismo, nesse contexto, pode reforçar práticas de infantilização e superproteção, impactando negativamente a inclusão social e o direito à vivência plena da sexualidade (Nario-Redmond, Kemerling & Silverman, 2019).

### *Sexualidade e Relações Amorosas de indivíduos com TEA*

A compreensão das dimensões de gênero e sexualidade em relação a indivíduos com autismo passou por transformações ao longo do tempo. O que



antes era marcado por hostilidade e discriminação quanto às vivências sexuais e afetivas desses grupos, aos poucos vem sendo reconhecido na diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais. No entanto, apesar desses avanços, pessoas autistas ainda não vivenciam plenamente suas experiências afetivas, sexuais e identitárias no âmbito das relações amorosas (Belluzo et al., 2025).

No que se refere à esfera das relações românticas, estas podem ser compreendidas como um fator essencial para o desempenho do suporte afetivo e social, tanto no que diz respeito à saúde física como mental, contribuindo assim para o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis (Braithwaite & Holt-Lunstad, 2017). Apesar de tais relações serem identificadas de uma forma mais acessível à população em geral, o mesmo não acontece a pessoas com autismo. Essas estão menos propícias a se desenvolverem em relações amorosas devido a uma série de condições relativas a questões sensoriais, déficit comunicacional e rigidez cognitiva em relação a rotinas (Hancock et al., 2020).

Um fator relevante para a compreensão da sexualidade de pessoas com TEA são suas experiências sexuais, especialmente no que se refere à maior vulnerabilidade percebida entre mulheres autistas em situações de risco. Essa vulnerabilidade é frequentemente associada à falta de conhecimento sobre sexualidade e às dificuldades de interação social, o que pode resultar em experiências aversivas, como abuso e vitimização (Kanfiszler, Davis & Collins, 2017). Além disso, pessoas dentro do espectro, quando comparadas a indivíduos neurotípicos, tendem a receber uma educação sexual deficitária, enfrentar a privação de direitos sexuais básicos, ter acesso limitado à privacidade e à informação científica, o que contribui para uma maior exposição a violências sexuais e para o sofrimento psíquico intenso (Ottoni et al., 2021).

A falta de conhecimento sobre assuntos que envolvem a sexualidade também pode aumentar os riscos de contração de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), por comportamento sexual de risco sem proteção adequada. Essa problemática pode ser compreendida como uma questão de saúde pública causando preocupação generalizada pelos efeitos adversos, a curto e longo prazo (Ministério da Saúde, 2022). Entretanto, estudos indicam que

indivíduos dentro do espectro, assim como aqueles com outras deficiências relacionadas aos transtornos do neurodesenvolvimento, podem apresentar menor risco de contrair Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), uma vez que, em geral, apresentam níveis reduzidos de interação social, afetiva e sexual (Clarke & Lord, 2020).

É válido mencionar que a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006) assegura que todos os seres humanos, incluindo as pessoas com deficiências, têm o direito de vivenciar a sua sexualidade de forma integral. Por isso, produzir e compartilhar informações sobre essa temática no contexto do TEA é reduzir os efeitos das micro e macroviolências ocasionadas pelo capacitismo que afetam diretamente a liberdade sexual, a saúde mental, física e social deste grupo.

#### *Capacitismo e percepção da pessoa neurotípica*

Cuddy, Fiske e Glick (2008), contribuem para o entendimento de como o capacitismo pode trazer impactos sobre as vivências afetivas e sexuais das pessoas com TEA ao destacar o Modelo de Conteúdo Estereotipado (*Stereotype Content Model* – SCM) e o Mapa BIAS. Esses modelos teóricos, desenvolvidos no campo da psicologia social, buscam explicar como os estereótipos direcionados a diferentes grupos são formados com base em dois critérios principais: o calor – que pode ser compreendido como sociabilidade ou intenção benevolente – e a competência.

De acordo com esses princípios, o preconceito pode incluir aspectos positivos e negativos a depender do grupo e do contexto e, os estereótipos sobre a competência de determinado grupo indicam dados importantes sobre seu status social, relacionando que quanto maior é a incompetência de um grupo, menor é seu status social a probabilidade de alcançarem seus objetivos. Fundamentado nessa teoria, é possível destacar que muitos grupos como pessoas com deficiência, idosos e donas de casa podem ser estereotipados de forma ambivalente, tendo uma compreensão positiva sobre estes em uma dimensão, enquanto em outra é possível ter uma percepção negativa (Cuddy et al., 2008).



Nario-Redmond et al. (2019) corroboram essa perspectiva ao destacarem que o preconceito em relação às pessoas com deficiência tende a se intensificar quando os estereótipos são desafiados. Nesse contexto, a quebra das expectativas sociais – que as percebem como desprotegidas, vulneráveis, incapazes e assexuadas – gera incerteza e desconforto. Complementando essa análise, Cuddy et al. (2008) apontam que essas pessoas são frequentemente vistas de forma ambivalente, sendo percebidas como sociáveis, mas não competentes.

Segundo Nario-Redmond et al. (2019), o grupo de pessoas com deficiência – no qual estão incluídas as pessoas com TEA – é geralmente percebido como amistoso, confiável, porém pouco competente, além de frequentemente associado à interdependência e obediência. Essa percepção tende a equiparar essas pessoas a crianças e a outros grupos sociais considerados dependentes, os quais são, muitas vezes, vistos com um olhar de piedade. Tal atitude pode ser relacionada a um viés paternalista, complacente e, por vezes, impertinente. Nesse sentido, é possível compreender que pessoas com TEA estão sujeitas a atitudes capacitistas de natureza hostil, benevolente ou ambivalente no que se refere às suas vivências afetivas e sexuais.

Diante do exposto, torna-se evidente que os estereótipos capacitistas influenciam profundamente a forma como as pessoas com TEA são percebidas e tratadas socialmente, especialmente no que diz respeito às suas vivências afetivas e sexuais. A infantilização, a negação da sexualidade e a suposição de incapacidade para estabelecer vínculos afetivos contribuem para a marginalização dessas pessoas, afetando sua autoestima, autonomia e direito à expressão afetivo-sexual. Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo investigar os efeitos do capacitismo nas vivências afetivas e sexuais de pessoas com TEA, com foco na análise dos mitos e preconceitos que sustentam tais atitudes discriminatórias. A seguir, apresenta-se o delineamento metodológico adotado para alcançar esse propósito.

## **METODOLOGIA**

O presente artigo adota uma abordagem qualitativa, de natureza básica, com caráter descritivo e exploratório. A metodologia fundamenta-se em uma Revisão Crítica de Literatura sobre a temática da sexualidade de pessoas com TEA em relações amorosas. Essa investigação tem como objetivo sintetizar e compreender criticamente as principais pesquisas e estudos que abordam os efeitos do capacitismo nas vivências afetivas e sexuais de pessoas com TEA.

No que se refere ao processo de coleta de dados do estudo, foi realizada uma busca utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/MeSH), por meio dos operadores booleanos: “Sexualidade” AND “TEA” e “Sexualidade” AND “Autismo”. As bases de dados consultadas foram o Portal de Periódicos da CAPES e a EBSCOhost, considerando publicações nos idiomas português e inglês, no recorte temporal dos últimos cinco anos, entre 2020 e 2025.

Os critérios de inclusão adotados foram: estudos que abordassem a sexualidade vivenciada por indivíduos com TEA em contextos afetivo-amorosos, além de estudos de natureza empírica. Quanto aos critérios de exclusão, foram desconsiderados os trabalhos que não envolvessem os descritores previamente mencionados; estudos desenvolvidos sob a perspectiva de pais ou profissionais; publicações anteriores a 2020; trabalhos com texto completo indisponível gratuitamente; e produções não publicadas, como teses e dissertações.

Para a compreensão dos dados emergidos, foi realizada uma Análise Temática, a qual visa identificar e interpretar padrões de temáticas (sentidos) em um conjunto de dados, de forma sistemática e flexível em pesquisas qualitativas. A aplicação de tal método, segundo Braun e Clarke (2006), não exige adesão a um referencial teórico específico, o que possibilita sua utilização em diferentes contextos. O processo envolve etapas como ambientação, codificação e definição dos dados, bem como a revisão de temas até a elaboração do texto analítico final (Rosa & Mackedanz, 2021).

## **ANÁLISES E RESULTADOS**

A partir da seleção inicial dos artigos nas bases de dados, foi realizada uma análise minuciosa de 133 publicações que atendiam aos descritores previamente mencionados. Esses artigos passaram por um processo de

refinamento, com o objetivo de verificar sua conformidade com os critérios de inclusão estabelecidos. Durante essa etapa, foram excluídos 121 artigos: 1 por não apresentar acesso ao texto completo; 96 por estarem fora da temática proposta; 5 por não se tratarem de estudos empíricos; e 15 por enfocarem a perspectiva de familiares e profissionais, sem contemplar os objetivos do presente estudo. Ao final da análise, restaram 12 artigos que atendiam integralmente aos critérios definidos. A Tabela 1, a seguir, apresenta um resumo dos artigos selecionados e refinados.

### **Tabela 1**

#### *Resumo dos artigos selecionados para a revisão crítica de literatura*

<b>Referências</b>	<b>Artigo</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Método</b>	<b>Resultados</b>
Nascimento, Vargas & Bezerra, 2023.	Gênero e sexualidade de jovens com TEA: uma breve análise a partir do podcast introvertendo	Analisar relatos de jovens autistas sobre gênero e sexualidade a partir do podcast "Introvertendo", problematizando suas experiências afetivas e sexuais.	Pesquisa qualitativa baseada na netnografia, analisando episódios do podcast que abordam relações afetivas e sexuais de jovens autistas.	O estudo destaca a invisibilidade do tema na sociedade e aponta o podcast como uma pedagogia cultural, promovendo (re)educação sobre gênero e sexualidade para jovens autistas.

<p>Sala et al., 2023.</p> <p>Comparing Physical Intimacy and Romantic Relationships of Autistic and Non-autistic Adults: A Qualitative Analysis</p>		<p>Estudo comparou intimidade física em relacionamentos de autistas e não autistas, analisando significados, papéis e diferenças entre grupos.</p>	<p>Estudo qualitativo com 57 adultos, no qual usou questionários online e análise temática para investigar intimidade física e relacionamentos.</p>	<p>O estudo revelou que autistas valorizam a intimidade, mas com diversidade nas preferências e sensibilidade sensorial, destacando a importância de abordagens personalizadas na educação sexual e no apoio adulto.</p>
<p>García-Barba et al., 2023.</p> <p>Positive and Negative Sexual Cognitions of Autistic Individuals</p>		<p>O estudo investigou cognições sexuais em autistas e neurotípicos, explorando diferenças por gênero, relacionamentos e estereótipos sobre sexualidade.</p>	<p>Estudo com 332 autistas adultos usou AQ e SCC para analisar cognições sexuais. MANOVAs compararam frequência/diversidade de pensamentos positivos/negativos, considerando gênero e experiência em relacionamentos.</p>	<p>Autistas tiveram mais cognições sexuais positivas que negativas, porém menos que neurotípicos. Homens relataram mais PSC que mulheres; mulheres citaram mais NSC sobre coerção. Dados contestam estereótipos da sexualidade autista.</p>

<p>Ronis et al., 2021.</p> <p>Beyond the Label: Asexual Identity Among Individuals on the High-Functioning Autism Spectrum</p>	<p>Estudo explorou como autistas de alto funcionamento vivenciam a assexualidade, investigando se altas taxas refletem falta de atração ou outros fatores.</p>	<p>Estudo quantitativo com 332 autistas adultos investigou identidade/atração sexual via questionários online (AQ e AIS) e perguntas abertas, em análise transversal das vivências sexuais no TEA.</p>	<p>Apenas 5,1% se identificavam como assexuais, mas 19% preenchiam critérios clínicos (1,2% totalmente assexuais). A discrepância sugere que a assexualidade no autismo envolve fatores além da simples falta de atração, incluindo desafios sociais e interpretações pessoais.</p>
<p>Weir, Allison &amp; Baron-Cohen, 2020.</p> <p>The sexual health, orientation, and activity of autistic adolescents and adults</p>	<p>Estudo comparou saúde, orientação e atividade sexual entre autistas e não autistas, analisando sexo, idade e risco de ISTs.</p>	<p>Estudo quantitativo transversal com 2.386 participantes (autistas/não autistas) analisou saúde/atividade sexual via questionário online anônimo, usando AQ-10 e controlando variáveis demográficas como idade, sexo e educação.</p>	<p>Autistas apresentam maior diversidade sexual: homens mais bissexuais, mulheres mais homo/assexuais. Mulheres autistas iniciam vida sexual mais cedo e são mais ativas, sem diferença em ISTs, destacando necessidade de educação sexual adaptada.</p>

<p>Rocha, Aladin &amp; Crehan, 2023.</p>	<p>A Model of Psychosocial Wellbeing for Autistic and Neurotypical Adults in the United States</p>	<p>Estudo criou modelo de bem-estar psicossocial (autoconceito/conhecimento/atitude) para autistas e neurotípicos, comparando grupos e propondo educação sexual adaptada.</p>	<p>Pesquisa quantitativa transversal com 108 adultos autistas/54 NT) nos EUA usou questionários online e escalas validadas para avaliar três domínios do modelo. Dados analisados com testes t e correlações para comparação grupal.</p>	<p>Autistas apresentam menor bem-estar sexual e autoimagem mais negativa que neurotípicos. Conhecimento sexual não melhora sua autoestima, revelando ineficácia da educação atual. Necessários programas específicos para suas necessidades.</p>
<p>Hancock, Stokes &amp; Mesibov, 2020.</p>	<p>Diferenças in Romantic Relationship Experiences for Individuals with an Autism Spectrum Disorder</p>	<p>Autistas (TEA) têm menos oportunidades românticas, relacionamentos mais curtos e maior ansiedade que neurotípicos (DT), com engajamento social mediando essas diferenças.</p>	<p>Estudo com 459 participantes (232 TEA, 227 DT) avaliou diferenças sexuais usando SBS-III e AQ. Análises estatísticas (testes t, mediação) compararam grupos e exploraram relações entre variáveis.</p>	<p>Autistas (TEA) mostram interesse romântico similar a neurotípicos (DT), mas enfrentam menos oportunidades, relacionamentos curtos e maior ansiedade, ligados a baixo engajamento social. Destaca-se a necessidade de suporte para melhorar vivências afetivas no TEA.</p>

<p>Pecora et al., 2020.</p>	<p>Gender identity, sexual orientation and adverse sexual experiences in autistic females</p>	<p>Estudo comparou mulheres autistas e não autistas em diversidade de gênero/sexualidade e experiências sexuais adversas, com foco em subgrupos trans e não heterossexuais.</p>	<p>Estudo com 295 mulheres (134 autistas, 161 não autistas) comparou identidade de gênero, orientação sexual e experiências sexuais negativas usando AQ e análises estatísticas (regressões logísticas, testes de proporção).</p>	<p>Mulheres autistas mostraram maior diversidade sexual que não autistas. Lésbicas autistas tiveram mais experiências negativas; trans não autistas mais arrependimentos. Bissexuais similares. Necessário apoio clínico para autistas não heterossexuais</p>
-----------------------------	---	---	---	---

<p>Magaveiro &amp; Hsu, 2020.</p>	<p>Dating and Courtship Behaviors Among Those with Autism Spectrum Disorder</p>	<p>Autistas (TEA) apresentaram mais comportamentos persistentes/inapropriados no namoro que não autistas, com menor conhecimento romântico.</p>	<p>Estudo online com 134 participantes (46 TEA, 88 não-TEA) utilizou CBS adaptada para comparar conhecimento romântico e comportamentos de cortejo (perseguição/ações inapropriadas), com análises estatísticas entre grupos.</p>	<p>Autistas (TEA) tiveram menos conhecimento sobre relacionamentos (54,3% vs 87,7%) e mais comportamentos de perseguição, mas ações inapropriadas similares. Dificuldades com sinais não-verbais e limites destacam necessidade de programas educacionais específicos.</p>
-----------------------------------	---	---	---	--

<p>Sala, Hooley &amp; Stokes, 2020.</p>	<p>Romantic Intimacy in Autism: A Qualitative Analysis</p>	<p>Estudo comparou barreiras e facilitadores de intimidade emocional/física em relacionamentos de autistas e não autistas, analisando suas experiências.</p>	<p>Estudo qualitativo com 57 participantes (31 autistas, 26 não autistas) investigou intimidade em relacionamentos através de questionário online e análise temática, utilizando o AQ para caracterização dos participantes.</p>	<p>Autistas e não autistas compartilham valores como comunicação/respeito, mas autistas enfrentam mais desafios com sinais sociais e preferem parceiros similares, enquanto não autistas destacam saúde mental. Autistas apresentam maior diversidade e estratégias adaptativas, mantendo conceitos comuns de intimidade.</p>
<p>Bush, Williams &amp; Mendes , 2021.</p>	<p>Brief Report: Asexuality and Young Women on the Autism Spectrum</p>	<p>Estudo comparou bem-estar sexual em mulheres jovens e pessoas de gênero diverso com autismo, analisando diferenças entre assexuais e outras orientações sexuais.</p>	<p>Estudo quantitativo transversal com 247 autistas (18-30 anos) comparou assexuais e não-assexuais, avaliando identidade sexual, desejo, comportamento, satisfação e saúde mental via questionário online, com análises estatísticas descritivas e comparativas.</p>	<p>36% das jovens autistas identificaram-se como assexuais, com menos desejo/atividade sexual, mas maior satisfação e menos ansiedade que não-assexuais. A maioria era solteira e vivia com pais, reforçando assexualidade como variação natural.</p>

Brilhant e et al., 2021	“Eu não sou um anjo azul”: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas	Investigar demandas adolescentes autistas sobre sua sexualidade, alinhando-se ao paradigma da neurodiversidade.	as demandas de adolescentes autistas (15-17 anos) em escolas regulares. Dados coletados via entrevistas semiestruturadas e analisados por análise temática de conteúdo.	Estudo qualitativo (2017-2018) com 14 adolescentes autistas (15-17 anos) em escolas regulares. Dados coletados via entrevistas semiestruturadas e analisados por análise temática de conteúdo.	Estudo revelou: 1) Infantilização de autistas ('anjo azul'), ignorando sua sexualidade; 2) Diversidade sexual prejudicada por educação inadequada e vulnerabilidade, apontando necessidades específicas no grupo.
-------------------------	--	---	---	--	---

A partir da análise dos dados dos artigos selecionados, observou-se uma invisibilização da sexualidade das pessoas com autismo, frequentemente reforçada por discursos de infantilização. Essa perspectiva contribui para a construção de uma imagem dessas pessoas como “especiais” ou associadas a uma dimensão simbólica do “sagrado”, o que sustenta a ideia de que devem ser “invioladas”. Essa representação é exemplificada no estudo de Brilhante et al. (2021), ao abordar o uso do termo “anjo-azul”. Nario-Redmond et al. (2019) reforçam essa compreensão ao apontarem que a visão estereotipada de pessoas com TEA como dependentes e infantilizadas resulta em atitudes de superproteção, o que reduz significativamente suas oportunidades de vivenciar experiências afetivas e sexuais.

Outra categoria relevante a ser analisada diz respeito à diversidade de gênero e orientação sexual entre pessoas com TEA, frequentemente silenciada pela invisibilização da sexualidade reforçada culturalmente pelo capacitismo. Tal cenário evidencia a necessidade de dar visibilidade a indivíduos plurais, a fim de romper com essa barreira. Nesse sentido, os achados de Pecora et al. (2020) revelam que mulheres dentro do espectro autista apresentam maior diversidade de gênero e orientação sexual. Weir, Allison e Baron-Cohen (2020) também contribuem ao apontar uma perspectiva que se distancia da norma social heterossexista, indicando uma prevalência significativa de mulheres lésbicas e

de homens bissexuais no espectro. Ademais, Bush, Williams e Mendes (2021) destacam a alta prevalência de jovens autistas que se identificam com a assexualidade, reforçando a necessidade de ampliar o olhar sobre a pluralidade das vivências afetivo-sexuais desse grupo.

A partir do exposto, é possível compreender a invisibilização da sexualidade de pessoas com autismo sob a perspectiva do preconceito e do estigma social. Segundo Phelan, Link e Dovidio (2008), o preconceito e o estigma exercem funções sociais fundamentais, como a manutenção da dominação, a imposição de normas e a prevenção simbólica de ameaças – inclusive sob a ótica da saúde. Essas funções contribuem para reforçar o capacitismo direcionado às pessoas com TEA, uma vez que sustentam relações de poder e desigualdade, mantêm os indivíduos subordinados a padrões culturais considerados normativos e excluem aqueles que não se enquadram nesses padrões por serem percebidos como diferentes. Dessa forma, moldam-se tanto as relações sociais quanto a percepção coletiva sobre as pessoas com deficiência

Isso pode contribuir para reforçar a invisibilidade da sexualidade de pessoas com autismo, com o objetivo de excluir esse grupo por não se enquadrar nos padrões idealizados de corpo e sexualidade. Tal processo evidencia uma interseccionalidade nos tipos de preconceito identificados no grupo analisado neste artigo, uma vez que envolve tanto o preconceito direcionado às pessoas com deficiência quanto à diversidade sexual (Phelan et al., 2008).

Também foi identificada uma categoria específica relacionada às experiências de intimidade e relacionamentos amorosos de pessoas com TEA, vivenciadas de maneiras distintas, mas não excludentes por esses indivíduos. Isso pode ser compreendido a partir dos dados apresentados por Sala et al. (2023), que indicam que pessoas dentro do espectro valorizam a intimidade, desde que haja adaptações comunicacionais e sensoriais adequadas. Dessa forma, reconhece-se a existência de necessidades específicas no âmbito da intimidade romântica entre indivíduos com TEA (Sala, Hooley & Stokes, 2020). Um dos desafios mais recorrentes enfrentados por essas pessoas é a dificuldade



em iniciar ou manter relacionamentos amorosos, em razão da menor socialização entre os pares (Hancock et al., 2020).

Segundo Campbell (2001), pessoas sem deficiência geralmente percebem a interação com pessoas com deficiência sob uma perspectiva negativa, reforçada pela ideia de que o déficit é um aspecto indesejável, sem valor social ou mesmo pessoal. Essa concepção contribui para uma visão limitada sobre a diversidade com que pessoas com autismo vivenciam experiências de intimidade, como se não fossem capazes de tê-las por não serem percebidas como indivíduos desejáveis. Tal percepção fortalece o estigma social de que pessoas com autismo são consideradas inferiores em relação àquelas que não são estigmatizadas (Brown, 2016).

Faz-se necessário retomar os achados já mencionados de que a falta de informações relacionadas à sexualidade, no contexto de uma educação sexual adequada, assertiva e eficaz, contribui para diversas vulnerabilidades, como experiências sexuais negativas (Pecora et al., 2020) e desinformação (Brilhante et al., 2021). Além disso, uma educação sexual convencional não atende às necessidades específicas de pessoas com autismo (Rocha, Aladin & Crehan, 2023); a ausência de informação sexual limita esses indivíduos, que muitas vezes deixam de desenvolver habilidades sociais essenciais para estabelecer relações amorosas e podem apresentar comportamentos inapropriados sem intenção (Magavero & Hsu, 2020).

Bernardes (2024) contribui ao destacar que a percepção estigmatizada da sociedade em relação às pessoas com deficiência cria um tipo de rótulo de descrédito, uma vez que o modo como esses indivíduos funcionam é frequentemente encarado como incômodo – mesmo quando são sujeitos habilidosos e independentes. Isso favorece a desvalorização e o desprestígio de suas experiências. Tal estigma contribui para a exclusão dessas pessoas, inclusive no acesso a oportunidades educacionais e outros direitos, ao gerar barreiras que impedem sua participação plena e igualitária em diversos âmbitos da vida social.

Assim, ainda de acordo com o autor citado, é possível compreender que tanto o estigma quanto o capacitismo estão fortemente correlacionados e

favorecem um ciclo danoso, marcado por atitudes negativas carregadas de estereótipos, por meio do qual pessoas com TEA podem ser percebidas como inferiores, perpetuando a discriminação desses indivíduos (Campbell, 2001). Nesse sentido, é importante destacar também, com base nos achados de García-Barba et al. (2023), que pessoas com autismo apresentam cognições, ideias e pensamentos sexuais semelhantes aos de indivíduos neurotípicos. Portanto, o discurso capacitista de que essas pessoas não possuem uma compreensão subjetiva da sexualidade não se sustenta em dados empíricos e apenas reforça uma visão estereotipada da deficiência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os achados desta revisão crítica de literatura evidenciam que pessoas com TEA enfrentam obstáculos específicos em suas vivências afetivas e sexuais, os quais são intensificados por estigmas sociais, visões estereotipadas da deficiência e uma educação sexual precária – todos esses elementos sustentados pelo capacitismo. As necessidades afetivo-sexuais desses indivíduos são frequentemente silenciadas por fatores centrais como a deslegitimação e a infantilização, conforme demonstrado nos estudos analisados.

As pesquisas incluídas abarcaram tanto abordagens qualitativas quanto quantitativas: os estudos quantitativos analisaram dados empíricos sobre bem-estar psicosssexual, cognições sexuais e relações amorosas, permitindo uma compreensão mais precisa sobre a diversidade desse grupo; os estudos qualitativos, por sua vez, exploraram as experiências e percepções de pessoas com autismo em relação às suas identidades de gênero, sexualidade, intimidade e vínculos românticos.

Contudo, observou-se que a maioria dos estudos encontrados se concentra em contextos internacionais, revelando uma escassez significativa de pesquisas empíricas no contexto brasileiro. Essa lacuna é especialmente preocupante, considerando as especificidades culturais e sociais que influenciam diretamente a vivência da sexualidade no Brasil. Diante disso, a carência de investigações locais reforça a necessidade de incluir essa temática



na academia para incentivar políticas públicas voltadas para os direitos afetivo-sexuais de pessoas com TEA, bem como uma educação sexual eficaz e de acessibilidade.

Dada a relevância científica e social do tema, é imprescindível promover uma abordagem mais inclusiva, que leve em consideração as especificidades das vivências afetivo-sexuais e amorosas de indivíduos no espectro autista. A produção acadêmica, nesse contexto, tem um papel fundamental na desconstrução de mitos e preconceitos, além de subsidiar intervenções pautadas na equidade e na promoção do bem-estar sexual e afetivo desse grupo.

## REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association. (2022). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5ª ed.). American Psychiatric Association.
- Arend, M. H. R. F., Maciel, E. T., Fantinelli, A. A., Eggres, D., Graup, S., & Balk, R. S. (2021). A sexualidade em adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA): Revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 10(6), e11810615558. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15558>
- Belluzzo, M., Giaquinto, V., De Alfieri, E., Esposito, C., & Amodeo, A. L. (2025). Sexuality, gender identity, romantic relations and intimacy among young adults and adolescents with autism spectrum disorder: A narrative review of the literature. *Pré-impressões*. <https://doi.org/10.20944/preprints202501.1377.v1>
- Bernardes, L. C. G. (2024). O impacto do capacitismo: A discriminação contra pessoas com deficiência que amplia desigualdades (Texto para Discussão nº 3066). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea. <https://dx.doi.org/10.38116/td3066-port>
- Braithwaite, S., & Holt-Lunstad, J. (2017). Romantic relationships and mental health. *Current Opinion in Psychology*, 13, 120-125. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.04.001>
- Brasil. (2015). Lei nº 13.146, de 27 de dezembro de 2015. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e dá outras exceções. *Diário Oficial da União*.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2022). Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para atenção integral às pessoas com infecções sexualmente transmissíveis (IST). Ministério da Saúde. [https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/pcdts/2022/ist/pcdt-ist-2022\\_isbn-1.pdf/view](https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/pcdts/2022/ist/pcdt-ist-2022_isbn-1.pdf/view)

- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101.
- Brown, L. C. (2016). Stigma: An enigma demystified. In L. J. Davis (Ed.), *The disability studies reader* (5th ed., pp. 211–232). Routledge.
- Camargo, S. A. P., & Sampaio Neto, L. F. (2017). Sexualidade e gênero. *Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba*, 19(4), 165-166. <https://doi.org/10.23925/1984-4840.2017v19i4a1>
- Campbell, F. K. (2001). Inciting legal fictions: Disability's date with ontology and the ableist body of the law. *Griffith Law Review*, 10(1), 42–62. <https://research-repository.griffith.edu.au/server/api/core/bitstreams/bdf45182-e5b6-59f6-8285-2c44ad749a65/content>
- Campbell, F. A. K. (2008). Exploring internalized ableism using critical race theory. *Disability & Society*, 23(2), 151–162. <https://doi.org/10.1080/09687590701841190>
- Clarke, E. B., & Lord, C. (2020). Social competence as a predictor of adult outcomes in autism spectrum disorder. *Development and Psychopathology*, 1-16.
- Cuddy, A. J., Fiske, S. T., & Glick, P. (2008). Warmth and competence as universal dimensions of social perception: The stereotype content model and the BIAS map. *Advances in Experimental Social Psychology*, 40, 61–149. [https://doi.org/10.1016/s0065-2601\(07\)00002-0](https://doi.org/10.1016/s0065-2601(07)00002-0)
- García-Barba, M., Nichols, S., Ballester-Arnal, R., & Byers, E. S. (2024). Positive and negative sexual cognitions of autistic individuals. *Sexuality and Disability*, 42(1), 167–187. <https://doi.org/10.1007/s11195-023-09824-9>
- Hancock, G., Stokes, M. A., & Mesibov, G. (2020). Differences in romantic relationship experiences for individuals with autism spectrum disorder. *Sexuality and Disability*, 38(2), 231–245.
- Jackson, S. E., Yang, L., Koyanagi, A., Stubbs, B., Veronese, N., & Smith, L. (2020). Declines in sexual activity and function predict incident health problems in older adults: Prospective findings from the English longitudinal study of ageing. *Archives of Sexual Behavior*, 49(3), 929-940. <https://doi.org/10.1007/s10508-019-1443-4>
- Kanfiszer, L., Davies, F., & Collins, S. (2017). "I was so different": The experiences of women diagnosed with an autism spectrum disorder in adulthood in relation to gender and social relationships. *Autism*, 21(6), 661–669.
- Lage, S. R. M., Lunardelli, R. S. A., & Kawakami, T. T. (2023). O capacitismo e suas formas de opressão nas ações do dia a dia. *Encontros Bibli: Revista*



Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, 28.  
<https://doi.org/10.5007/1518-2924.2023.e93040>

- Marchesan, A., & Carpenedo, R. F. (2021). Capacitismo: Entre a designação e a significação da pessoa com deficiência. *Trama*, 17(40), 56–66.  
<https://doi.org/10.48075/rt.v17i40.26199>
- Mello, A. G. (2014). Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: Uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Universidade Federal de Santa Catarina.  
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/182556>
- Nações Unidas. (2006). Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. ONU. <https://www.un.org/>
- Nario-Redmond, M. R., Kemerling, A. A., & Silverman, A. M. (2019). Hostile, benevolent, and ambivalent ableism: Contemporary manifestations. *Journal of Social Issues*, 75(3), 726–756.  
<https://doi.org/10.1111/josi.12340>
- Organização Mundial da Saúde. (2019). Classificação internacional de doenças para estatísticas de mortalidade e morbidade (11ª ed.). <https://icd.who.int/>
- Otoni, A. C. V., Bortolozzi, A. C., Vilaça, M. T., & Leão, A. M. C. (2021). Estratégias para a educação sexual de adultos com transtorno do espectro autista. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 32(1), 78-85.  
<https://doi.org/10.35919/rbsh.v32i1.966>
- Phelan, J., Link, B. G., & Dovidio, J. F. (2008). Stigma and prejudice: One animal or two? *Social Science & Medicine*, 67(3), 358–367.  
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4007574/>
- Rosa, A. S., & Mackedanz, V. (2021). A análise temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação em ciências. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, 21(1), 1–20.
- Souza Junior, E. V. de, Silva Filho, B. F. da, Rosa, R. S., Cruz, D. P., Santos, B. F. M. dos, Siqueira, L. R., & Sawada, N. O. (2023). Sexualidade como fator associado à qualidade de vida da pessoa idosa. *Escola Anna Nery*, 27, e20220228.
- World Health Organization. (2017). Sexual health. WHO.  
[http://www.who.int/topics/sexual\\_health/en/](http://www.who.int/topics/sexual_health/en/)

**Submetido: 14/06/2025. Aprovado: 25/06/2025 Publicado: 01/07/2025**



**Autoria:**

**Dhâmaris Fonseca do Amarante**

Graduanda e mestranda em Psicologia, vinculada ao Laboratório de Estudos sobre Processos de Exclusão Social (LEPES) - UNIFOR; Especialista em Sexualidade Humana e em Gênero e Sexualidade; Formação em Terapia Cognitiva-comportamental, Terapia Cognitiva Sexual; Relacionamentos amorosos e em Psicologia Feminista.

Instituição: Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

E-mail: psicologadhamaris@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-5724-1773>

País: Brasil

**Raquel Lima Rocha Peixoto**

Mestranda em Psicologia, vinculada ao Laboratório de Estudos sobre Processos de Exclusão Social (LEPES) - UNIFOR; Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental; Formação em Orientação Profissional e de Carreira; Formação em ABA; Certificação em Educação Parental Positiva; Graduada em Psicologia-UNIFOR.

Instituição: Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

E-mail: raquel.limaro-chapsi@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-2974-930X>

País: Brasil

**Luciana Maria Maia**

Doutora em Psicologia (UFRN); Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (UNIFOR); Coordena o Laboratório de Estudos sobre Processos de Exclusão Social (LEPES).

Instituição: Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

E-mail: lumariamaria@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1491-5685>

País: Brasil